

# A Recordar o Passado, a Pensar o Futuro: era uma vez uma Gazeta de Física...

Ana Simões e Júlia Gaspar

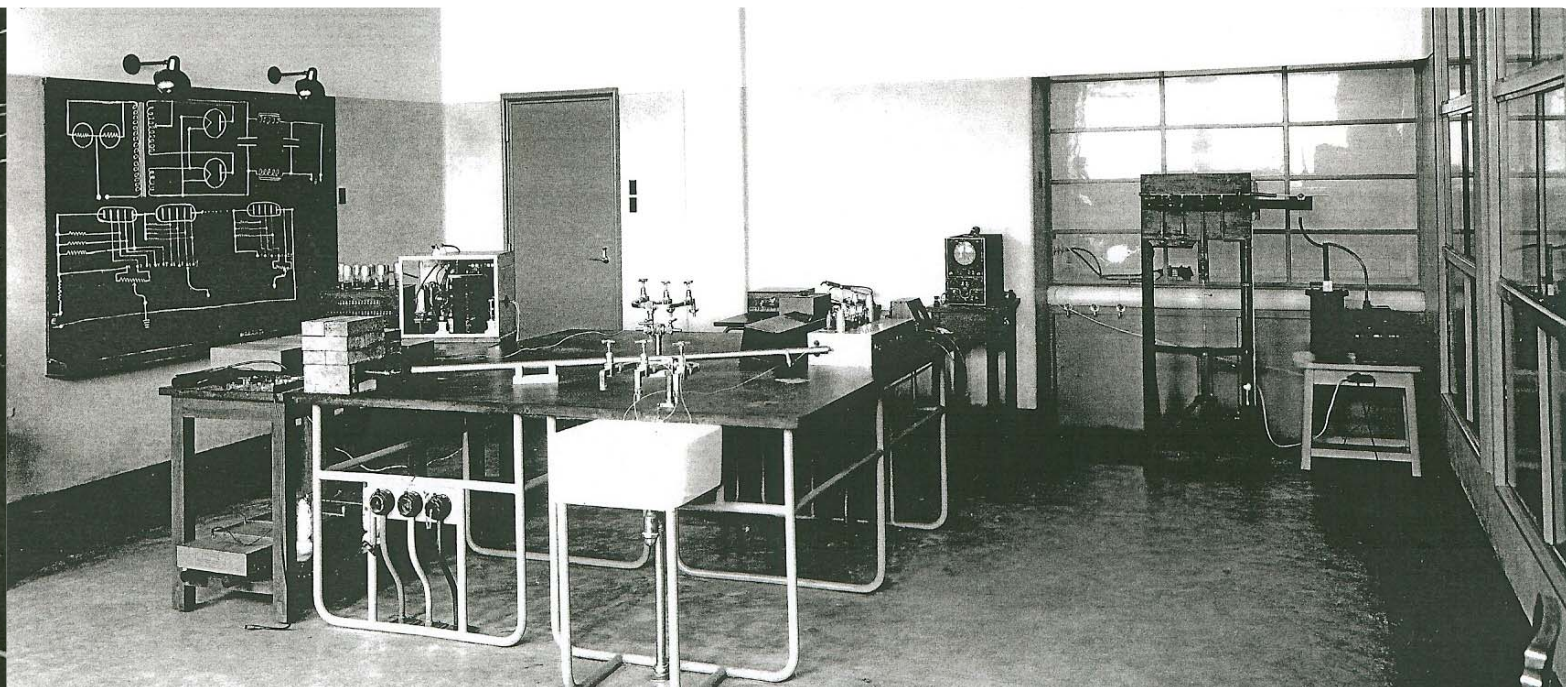
**NÃO É A PRIMEIRA VEZ NEM SERÁ CERTAMENTE A ÚLTIMA QUE NA GAZETA DE FÍSICA SE RECORDAM OS TEMPOS DA SUA CRIAÇÃO. ALIÁS A GAZETA TEM MOSTRADO AO LONGO DAS SUAS SEIS DÉCADAS DE EXISTÊNCIA UM INTERESSE RECORRENTE PELO PASSADO DA FÍSICA PORTUGUESA QUE LHE ESTÁ DIRECTAMENTE ASSOCIADO.**

Pela pena de participantes, cientistas ou historiadores da ciência, em momentos amiúde comemorativos, esse passado pode ser visitado ao longo das suas páginas.<sup>1</sup> Nesta fase de renovação da Gazeta que, curiosamente, coincide com um momento de mutação profunda da vida da universidade portuguesa, é particularmente oportuno recordar alguns aspectos do seu nascimento pois, para além do intrínseco interesse histórico e de paralelos entre os dois momentos, a verdade é que a nova equipa editorial

adoptou as palavras de Armando Gibert (1914-1985) no seu manifesto inaugural. Afirmava o seu fundador que a Gazeta se encontrava ao serviço dos “amigos da física”.<sup>2</sup> Mas, e é preciso sublinhá-lo agora, fazia-o em simultâneo com a afirmação da física enquanto profissão científica partilhada por uma comunidade que urgia desenvolver. Analisado à luz do contexto da altura era este o principal motor da nova revista que se anunciava como “a revista dos estudantes de física e dos físicos e técnicos-físicos portugueses.”<sup>3</sup>

Alguns anos antes, o médico Celestino da Costa, e antigo dirigente do Instituto para a Alta Cultura, tinha afirmado: “Em Portugal não tem havido físicos, mas só professores de Física”.<sup>4</sup> E nesta frase lapidar encapsulava o passado da física em Portugal. Precisamente aquilo que o jovem Gibert e a sua geração queriam mudar. Com efeito, tanto nos tempos do absolutismo iluminado como nos do liberalismo oitocentista e nos do cientismo positivista da Primeira República a física, por via das suas aplicações, tinha estado fundamentalmente associada à formação de militares, engenheiros e

As autoras são investigadoras do Centro de História da Ciência da Universidade Lisboa, coordenado por Ana Simões, historiadora das ciências. Júlia Gaspar é professora do ensino secundário.



médicos. Foi com a República, a reforma da Universidade e a criação das Faculdades de Ciências que substituíram as Escolas Politécnicas do século anterior, que se afirmou em Portugal a ideia humboldtiana da aliança entre o ensino universitário e a investigação e, ainda assim, mais na teoria do que na prática. A Primeira República afirmou-a por decreto (1911) e, mais tarde, lançaria a ideia que viria a conduzir já no período do Estado Novo à Junta de Educação Nacional (JEN) (1929).<sup>5</sup>

#### É PARADOXAL QUE A GAZETA DE FÍSICA NASÇA NO AMBIENTE ADVERSO DE 1946

Antecessora do Instituto para a Alta Cultura (IAC) (1936), esta foi a primeira instituição estatal que apostou no financiamento da formação especializada enviando os seus bolseiros para o estrangeiro. Foi assim que puderam profissionalizar-se em instituições científicas europeias de referência muitos dos jovens ligados ao Laboratório de Física da Faculdade de Ciências de Lisboa, associado desde 1940 ao Centro de Estudos de Física, um centro de investigação também financiado pelo IAC, e ambos chefiados por Cyrillo Soares (1883-1950), líder carismático que conjugava uma ampla visão a um grande sentido prático. E foi no único núcleo universitário português onde consistentemente se fazia investigação em física que Gibert se integrou a partir de 1938, de onde partiu, em 1942, para fazer o doutoramento em física nuclear no afamado ETH (Eidgenössische Technische Hochschule) de Zurique e para onde regressaria em 1946, finalizada uma tese sobre o efeito da temperatura na difusão de neutrões lentos através do hidrogénio.<sup>6</sup> O processo de financiamento governamental da investigação científica implicava uma mudança pro-

funda de mentalidades. A transformação das universidades em instituições de ensino e, também, de investigação, a que mais tarde se juntaria a aposta em institutos independentes de investigação, deparou-se com financiamentos deficitários e com uma comunidade académica conservadora que olhava com desconfiança todos os que ousavam não restringir as suas actividades universitárias à docência. E não iria ficar imune às consequências de um período particularmente sombrio da vida política mundial – o período da Segunda Guerra Mundial. Em Portugal, e no que à investigação científica diz respeito, o período da guerra foi acompanhado por retracção acentuada de financiamento e os momentos de euforia do pós-guerra, que tinham trazido a esperança vã nas eleições legislativas de 1945, colocaram em posição bastante delicada muitos dos bolseiros do IAC que assinaram listas a favor de eleições verdadeiramente democráticas. As consequências negativas de tal acto já na altura do nascimento da Gazeta se faziam sentir, tendo-se alguns meses mais tarde materializado no drama das demissões, aposentações e rescisões de contratos de docentes universitários incómodos para o regime. Entre eles encontravam-se Gibert, Manuel Valadares (1904-1982) e Aurélio Marques da Silva (1905-1965), para só referir os associados ao Laboratório de Física. Não deixa, pois, de parecer paradoxal que a Gazeta de Física tenha nascido em ambiente tão adverso, precisamente em Outubro de 1946, e sob a direcção de dois jovens assistentes universitários. Gibert tinha então 32 anos e Lídia Salgueiro (n. 1917) apenas 28 anos. A eles associaram-se dois professores de liceu, Jaime Xavier de Brito (1893-1960) e Rómulo de Carvalho (1906-1997).

# PORTUGALIAE PHYSICA

VOLUME I  
1 9 4 3 - 4 5



INSTITUTO PARA A ALTA CULTURA  
CENTRO DE ESTUDOS DE FÍSICA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE LISBOA  
PORTUGAL

# GAZETA DE MATEMÁTICA

PUBLICADA POR

A. MONTEIRO, B. CARAÇA, H. RIBEIRO, J. PAULO, M. ZALUAR

1.º ANO - N.º 1 - PREÇO DESTE NÚMERO: 2500 - JANEIRO 1940  
DEPOSITÁRIO GERAL - LIVRARIA SÁ DA COSTA - LARGO DO POÇO NOVO - LISBOA

# PORTUGALIAE MATHEMATICA

Directa editada  
por  
ANTÓNIO MONTEIRO  
mas  
a cooperação de  
HUGO RIBEIRO, J. PAULO, H. ZALUAR JUNES

VOLUME 1  
1937-1940

FACULDADE DE CIÊNCIAS  
LISBOA - PORTUGAL

Publicação subsidiada pelo Instituto para a Alta Cultura

Acabado de regressar de Zurique, Gibert, licenciado em matemática mas doutorado em física, trabalhando com igual à vontade em assuntos teóricos, experimentais e até mesmo frequentemente técnicos, vai capitalizar o seu conhecimento do meio científico português, principalmente no que respeita à matemática e à física e aos laços tecidos entre elas desde os finais da década de 30 por um grupo de bolseiros apostado teimosamente na emergência de uma comunidade científica sólida e interdisciplinar. A convivência com elementos do efémero Núcleo de Matemática, Física e Química (1936-1939) constituído maioritariamente por físicos e matemáticos; o exemplo da criação da Gazeta de Matemática (1940) assim como das revistas irmãs *Portugaliae Mathematica* (1937/40) e *Portugaliae Physica* (1943);<sup>7</sup> as conversas recentes tidas em Zurique com o matemático Hugo Ribeiro e o apoio constante do “mestre”, como carinhosamente era tratado Cyrillo Soares, levaram-no a apostar na fundação de uma Gazeta de Física que oferecesse o necessário complemento à *Portugaliae Physica* na consolidação dos valores da emergente comunidade de físicos, discutindo assuntos do seu interesse enquanto profissão, mas também enquanto disciplina do ensino liceal e, mais geralmente, promovendo a divulgação da física e

das suas aplicações junto de um público tão vasto quanto possível.<sup>8</sup> Com efeito, nenhum dos colaboradores do Laboratório de Física militou como ele na promoção da física enquanto profissão. E a Gazeta foi a sua “Tribuna”.

Volvidos pouco mais de sessenta anos, num contexto político radicalmente diferente, encontramos mais uma vez a reflectir sobre os destinos da física e das suas aplicações, o seu lugar nas universidades e o tipo de física e de físicos de que o país necessita, a relação entre centros de investigação e universidades, os mecanismos de reintegração eficaz dos bolseiros formados no estrangeiro, o papel dos politécnicos, a função da física no ensino secundário e a importância da sua divulgação, etc etc. Questões recorrentes cuja solução não pode ser deixada aos políticos e que clamam por físicos tão militantes quanto os da primeira geração. Que a nova Gazeta de Física possa tornar-se um espaço de discussão entre todos aqueles que se denominam “amigos da física.”!

<sup>1</sup> Fernando Bragança Gil, “O estudo dos Raios X e o início da investigação em Física nas Universidades Portuguesas”, *Gazeta de Física*, 18 (3) (1995), 11-17; Lídia Salgueiro, “A epopeia do começo da Gazeta de Física”, *Gazeta de Física*, 20 (1) (1997), 3-5; Amélia Pereira e Isabel Serra, “A Gazeta de Física e a Física em Portugal”, *Gazeta de Física*, 21 (1) (1998), 7-11.

<sup>2</sup> Armando Gibert, “1. Tribuna de Física. Em nome da direcção”, *Gazeta de Física*, 1 (1946), 1-3, 1.

<sup>3</sup> Subtítulo da *Gazeta de Física*.

<sup>4</sup> A. Celestino da Costa, “Relatório do Vice-

Presidente do Ramo de Ciências, sobre as necessidades da investigação científica em Portugal” in *Relatórios, Propostas e Projecto de Orçamento para o ano económico 1930-31* (Lisboa: Junta de Educação Nacional, 1930), pp. 9-43, 13.

<sup>5</sup> Para uma outra análise deste período no que se refere às tentativas de desenvolvimento da física teórica ver J.S. Augusto Fitas e António A. P. Videira, *Cartas entre Guido Beck e Cientistas Portugueses* (Lisboa: Instituto Piaget, 2004).

<sup>6</sup> Currículo de Gibert in *Effet de la température sur la diffusion Neutron-Proton*, Tese apresentada à Escola Politécnica Federal,

Zurique, para obtenção do grau de Doutor em Ciências Naturais (Basileia, 1946).

<sup>7</sup> Ilda Perez, *Movimento Matemático 1937-1947* (Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1997), p.46.

<sup>8</sup> Nas suas palavras: “contribuir activamente para o desenvolvimento e elevação dos estudos de Física em Portugal em todos os graus de ensino, assim como para o esclarecimento dum público mais vasto sobre a posição real da intervenção da física na vida moderna e sobre a acção do nível científico dos físicos e técnicos físicos no ritmo e na independência do progresso industrial do nosso país,” op.cit. (ref.2), 1.